



RUNAS, GALDR E SEIDR: UM BREVE ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DAS PRÁTICAS DE MAGIA DA CULTURA NÓRDICA MEDIEVAL

Tiago Quintana¹

Resumo: Elementos mitológicos, religiosos e místicos da cultura nórdica medieval têm sido reapropriados por grupos esotéricos ou utilizados para fins sócio-políticos desde o século XIX. Este artigo propõe-se a fazer uma breve investigação sobre a representação literária das três práticas de magia da cultura nórdica medieval: magia rúnica, *galdr* e *seidr*.

Palavras-chave: Runas, *galdr*, *seidr*, práticas de magia, cultura nórdica medieval

Abstract: Mythological, religious and mystical elements of the medieval Norse culture have been reappropriated by esoteric groups or used for socio-political ends ever since the 19th century. This article proposes to do a brief investigation on the literary portrayal of the three magical practices of medieval Norse culture: rune magic, *galdr* and *seidr*.

Keywords: Runes, *galdr*, *seidr*, magical practices, medieval Norse culture.

¹ Letras Português-Inglês - UFRJ, Veiga de Almeida. Autor, dentre outros trabalhos, do livro *Orgulho e tragédia em A saga de Kormak* (à venda em http://www.agbook.com.br/book/53544--Orgulho_e_Tragedia_em_A_saga_de_Kormak) e da tradução *A saga de Hedin e Hogni* (disponível em http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/A_saga_de_Hedin_e_Hogni_Tiago_Quintana.pdf).

1. Introdução

Elementos mitológicos, religiosos e místicos da cultura nórdica medieval, especialmente o alfabeto rúnico, têm sido reapropriados por grupos esotéricos ou neopagãos, ou mesmo utilizados para fins sócio-políticos, desde o século XIX, normalmente sem um embasamento acadêmico sobre seus usos e significados.

Este artigo propõe-se a fazer uma breve investigação sobre a representação literária das três práticas de magia da cultura nórdica medieval: magia rúnica, *galdr* e *seidr*. Não é nossa intenção confirmar a veracidade da existência dessas práticas ou estudá-las por um ponto de vista sócio-histórico; pretendemos apenas observar seu papel nas criações literárias dos nórdicos medievais.

As fontes para essa pesquisa foram selecionadas a partir de parte do *corpus* literário dos nórdicos medievais, os poemas eddaicos e as sagas, pois encontra-se uma abundância de referências à prática de magia nessas obras.

2. As criações literárias dos nórdicos medievais

2.1. A poesia

A poesia nórdica medieval (composta entre os séculos VIII e XIII na Escandinávia e na Islândia) era declamada por *skalds*,² poetas da corte da Escandinávia, Islândia e demais regiões de cultura predominantemente nórdica.

A poesia nórdica medieval é dividida entre poesia *eddaica* e poesia *skaldica*: a poesia eddaica tinha como objetivo narrar as aventuras de deuses e heróis mitológicos, como os deuses Odin e Loki ou o herói Sigurd, enquanto a poesia skaldica tinha como objetivo recitar e enaltecer os feitos de senhores, reis e heróis nórdicos, como os reis Ragnar Lodbrok e Olaf Tryggvason ou o herói Egil Skallagrimsson. De modo geral, a poesia eddaica não era tão complexa (em termos de sintaxe, métrica e vocabulário) quanto a poesia skaldica, enquanto a maior parte dos poemas skaldicos tinham como tema pessoas reais e eventos históricos, muitas vezes contemporâneos ao *skald* que compusera o poema (apesar de existirem também poemas skaldicos com temas mitológicos). Embora cada uma

² Em português pode-se usar o termo “escaldo” também. Por razões estilísticas, no entanto, neste trabalho será mantido o uso do termo original.

tivesse suas próprias características estilísticas e temáticas, bem como sua própria métrica, o uso de certos artifícios lingüístico-literários, como aliteração, *kenningar* e *heiti*, era comum a ambas.

Um exemplo de poema eddaico é a “Lokasenna” (“A contenda de Loki”), que descreve um banquete dos deuses durante o qual Loki e os outros deuses trocam insultos entre si, culminando no aprisionamento de Loki. Já um exemplo de poema skaldico é a “Ólafsdrápa Tryggvasonar” (“Eulogia a Olaf Tryggvason”), que foi composto em homenagem ao rei norueguês Olaf Tryggvason e celebra seus feitos.

2.2. As sagas

As sagas eram histórias sobre deuses, heróis e antepassados da cultura nórdica. Produto de uma cultura oral, foram compostas entre os séculos VIII e XII, mas só foram escritas a partir do século XII, na Islândia. Escritas em prosa em islandês medieval, mas em sua maior parte baseadas em histórias orais em nórdico antigo originárias da Escandinávia, muitas dos quais serviram de fonte de inspiração também para a poesia nórdica medieval; antes de serem registradas por escrito, essas histórias eram compostas para serem narradas por *skalds*.

Estilisticamente, em contraste com seu material de origem, as sagas tinham uma narrativa clara, concisa e objetiva. Podem ser classificadas de acordo com sua temática: as principais são as sagas de reis, ou *konungasögur* (“histórias de reis”, em uma tradução livre), que narram a vida e os feitos de reis nórdicos; as sagas das famílias, ou *íslendingasögur* (“histórias de islandeses”), que narram eventos centrados ao redor de certas famílias e indivíduos ocorridos na Islândia entre os séculos X e XI; e as sagas heróicas, ou *fornaldarsögur* (“histórias de tempos distantes”), que narram histórias lendárias repletas de elementos fantásticos e mitológicos.

Exemplos de sagas são a “Heimskringla”, uma crônica sobre os reis da Noruega desde a mítica linhagem dos Ynglings; a “Egilssaga Skallagrímssonar”, uma saga sobre os feitos e as desventuras do herói islandês Egil Skallagrímsson; e a *Hervarar saga ok Heidreks*, uma saga sobre a espada amaldiçoada Tyrfing e a ruína que ela traz à linhagem do rei Sigrlami.

3. O alfabeto rúnico e a magia rúnica

3.1. As runas como sistema de escrita

As runas eram um sistema de escrita usado pelos povos germânicos, tanto continentais quanto escandinavos, antes de adotarem o alfabeto latino por volta do século XI (embora ambos os alfabetos fossem conviver por mais um tempo). Embora sua origem ainda não tenha sido comprovada, uma teoria cada vez mais aceita postula que teriam surgido a partir de alfabetos mediterrâneos antigos: o alfabeto grego, o alfabeto etrusco e o alfabeto latino. As inscrições rúnicas mais antigas de que temos notícia são de *c.* 150 d.C., enquanto as mais recentes são de *c.* 700 d.C. na Europa continental e *c.* 1100 d.C. na Escandinávia.

Os alfabetos rúnicos escandinavos eram o *futhark* antigo, que durou de *c.* 150 d.C. a *c.* 800 d.C., e o *futhark* novo, que durou de *c.* 800 d.C. a *c.* 1100 d.C. O *futhark* antigo, usado para escrever o idioma chamado “proto-nórdico”, consistia de 24 runas organizadas em três grupos de oito runas, chamados *aetts* (“clãs”, em uma tradução livre), enquanto o *futhark* novo, surgido a partir da transformação do proto-nórdico em nórdico antigo, consistia em apenas 16 runas. Os alfabetos rúnicos escandinavos eram chamados de *futhark* por causa de suas seis primeiras letras: F, U, TH, A, R e K.

O *futhark* novo subdividia-se em três variantes quanto à sua caligrafia: runas de ramos longos, usadas na Dinamarca; runas de ramos curtos, usadas na Suécia e na Noruega, que eram uma simplificação das runas de ramos longos; e as runas sem aduelas, usadas em algumas regiões da Suécia e da Noruega em períodos posteriores, que eram uma simplificação das runas de ramos curtos.

As runas como sistema de escrita não eram plenamente difundidas e de uso comum pelo território escandinavo, mas tampouco eram usadas apenas de forma cerimonial. Seu uso principal parece ter sido o de fazer inscrições memoriais ou comemorativas, ou dar nomes a certos objetos (como espadas, por exemplo).

3.2. Breve estudo da magia rúnica

No “Hávamál” (“Ditados do grandioso”, em uma tradução livre), um poema eddaico, é descrito como o deus Odin descobriu as runas (e toda a sabedoria sobrenatural

que elas simbolizam) ao se sacrificar como uma oferenda ritualística, enforcando-se após ferir-se com sua lança:

Penso que fiquei a balançar na árvore chacoalhada pelo vento por nove noites inteiras, ferido pela lança. Ofereci-me a Odin, ofereci-me a mim mesmo, na árvore cuja raiz ninguém conhece.
Ninguém me satisfez com pão ou hidromel. Olhei para baixo e vi as runas, gritando tomei-as, e na mesma hora caí. (...)
Então comecei a prosperar e a tornar-me sábio, cresci e bem estava. Cada palavra levava-me a outra, cada feito levava-me a outro.³ (BELLOWS, 1936a: est. 139-140, 142)

Depois que Odin aprendeu o segredo das runas, ele as ensinou aos homens. Isso pode ser visto em outro poema eddaico, o “Sigrdrífumál” (“Ditados da que instiga à vitória”, em uma tradução livre), no qual a valquíria Brynhild (chamada no poema de *Sigrdrífa*, “a que instiga à vitória”), ensina feitiços rúnicos ao herói Sigurd:

As runas escritas há eras atrás foram raspadas e misturadas ao hidromel sagrado e enviadas por caminhos tão vastos.
Então os deuses as tinham, os elfos as receberam.
Algumas para os Vanires tão sábios, e algumas para os homens mortais.⁴ (BELLOWS, 1936b: est. 18)

O mesmo poema mostra o a prática de magia usando as runas:

Runas de vitória aprenda, se a vitória desejas. Inscreve as runas no cabo de tua espada, algumas no sulco, outras na parte chata da lâmina, e duas vezes chamarás Tyr (deus da batalha). (...)
Runas do mar aprenda, se queres proteger os corcéis d'água (navios) quando ao mar. Inscreve na haste e na proa, e entalhe-as a fogo nos remos, e por mais altas e fortes e escuras sejam as ondas, alcançarás o porto em segurança.⁵ (BELLOWS, 1936b: est. 6, 9)

³ “I ween that I hung on the windy tree, / Hung there for nights full nine; / With the spear I was wounded, and offered I was / To Othin, myself to myself, / On the tree that none may ever know / What root beneath it runs. / None made me happy with loaf or horn, / And there below I looked; / I took up the runes, shrieking I took them, / And forthwith back I fell. (...) Then began I to thrive, and wisdom to get, / I grew and well I was; / Each word led me on to another word, / Each deed to another deed.” Todas as traduções para a língua portuguesa foram feitas pelo autor deste trabalho. Além disso, visto que a preciosidade poética não é um dos objetivos deste artigo, optamos por traduzir livremente os poemas e em forma de prosa para facilitar-lhes a compreensão.

⁴ “Shaved off were the runes that of old were written, / And mixed with the holy mead, / And sent on ways so wide; / So the gods had them, so the elves got them, / And some for the Waness so wise, / And some for mortal men.”

⁵ “Winning-runes learn, if thou longest to win, / And the runes on thy sword-hilt write; / Some on the furrow, and some on the flat, / And twice shalt thou call on Tyr. (...) Wave-runes learn, if well thou wouldst shelter /

O poema tem mais exemplos de feitiços rúnicos além desses dois: runas para proteger a mente do guerreiro dos efeitos de bebidas encantadas, runas para ajudar as mulheres no parto, runas para curar ferimentos e runas para que debates judiciais não degenerem em conflito aberto, dentre outros (BELLOWS, 1936b: est. 7-19).

As sagas também têm exemplos de magia rúnica, particularmente a *Egils saga Skallagrímssonar*, a saga do guerreiro, poeta e feiticeiro rúnico Egil Skallagrímsson. No entanto, como esses exemplos também envolvem o uso de canções mágicas – *galdr* –, serão mencionados apenas mais abaixo.

4. Magia espiritual: *Seidr*

Seidr era uma prática de magia que envolvia (dentre outras habilidades) adivinhação do futuro, comunicação e comunhão com espíritos, clarividência, abençoar e invocar proteção espiritual, lançar maldições, transformação, e realizar feitos de ilusionismo e outras formas de manipulação da mente, e possivelmente originou-se das práticas xamanísticas dos finlandeses ou dos lapões, com as quais tinha muitos elementos em comum, tanto em termos de práticas ritualísticas quanto de feitos mágicos possíveis (de um ponto de vista estritamente literário, não antropológico).

Seidr era praticada quase exclusivamente por mulheres, chamadas de *völva*, *seidkona* ou *spákona*. Praticantes masculinos, chamados *seidmadr*, eram raros, pois a prática de *seidr* era considerada efeminada – possivelmente por usar de meios indiretos (talvez mesmo covardes) para confrontar os inimigos, ou talvez por exigir práticas contrárias à noção de masculinidade (com cantar em um tom de voz exageradamente agudo). No poema “Lokasenna”, o deus Loki insulta a masculinidade do deus Odin por este ser praticante de *seidr*; no entanto, Freya e Gullveig (possivelmente a mesma personagem mitológica sob nomes diferentes) eram feiticeiras poderosas e respeitadas (Freya, na sua condição de deusa associada à fertilidade e à prosperidade, era inclusive uma das deusas mais veneradas pelos nórdicos medievais).

Exemplos de *seidr* são encontrados na *Hrómundar saga Gripssonar*:

The sail-steeds out on the sea; / On the stem shalt thou write, and the steering blade, / And burn them into the oars; / Though high be the breakers, and black the waves, / Thou shalt safe the harbor seek”.

Uma feiticeira estava lá na forma de um cisne. Ela lançou magia com tantos feitiços que ninguém dentre os homens do rei Olaf a percebeu. Ela voou sobre os filhos de Grip, cantando alto. Seu nome era Lara. Helgi o Valente defrontou-se com os irmãos então e matou todos os oito juntos. (CHAPPELL, 2011: cap. 6.)⁶

Então Hromund viu que havia um homem em pé sobre o gelo. Ele percebeu que o homem era Vali, e bem sabia que a feitiçaria poderia transformar o gelo em água. Dizendo que sentia-se obrigado a recompensá-lo, o guerreiro correu até ele, desferiu um golpe com Mistilteinn (a espada encantada de Hromund) e o teria atingido. Mas Vali soprou a espada fora de suas mãos, e ela caiu em um buraco no gelo e afundou. (CHAPPELL, 2011: cap. 7)⁷

Outro exemplo de *seidr* é visto no poema eddaico “Völuspá” (“As profecias da sibila”), no qual o deus Odin ressuscita uma profetisa da raça dos gigantes. Identificada como uma *völva*, a adivinha revela o passado, o presente e o futuro ao deus, do nascimento do Universo, passando pelo fim do mundo, dos deuses e dos homens, ao renascimento de alguns deuses e mortais que reconstruirão tudo (BELLOWS: 1936c).

5. Canções mágicas: *Galdr*

Galdr é uma prática de magia nórdica que envolve o uso de cânticos – *galdr* significa “feitiço”, “encantamento”, e deriva do verbo *gala*, “entoar feitiços”. Os *galdrar* eram compostos em estrofes de cinco versos e usavam a métrica *galdralag*. Nessa métrica, os versos ímpares (com exceção do quinto verso) tinham quatro sílabas tônicas e quatro a seis sílabas átonas e aliteravam⁸ em duas ou três sílabas, enquanto os versos pares e o quinto verso tinham três sílabas tônicas e aliteravam em duas sílabas.

Exemplos de *galdrar* podem ser encontrados, novamente, no poema “Hávamál”, quando o deus Odin fala sobre os feitiços que aprendeu. Eis alguns exemplos:

⁶ “A witch was there in the form of a swan. She cast magic with so many spells that no one among King Olaf’s men noticed her. She flew over the sons of Grip, singing loudly. Her name was Lara. Helgi the Valiant met the brothers then, and killed all eight together.”

⁷ “Then Hromund saw that a man was standing there on the ice. He knew well that sorcery could turn the ice to water, and he noticed that it was Vali. He said that he was obliged to reward him, ran to him, swung Mistilteinn and would have struck him. But Vali blew the sword out of his hand, and it flew over an opening in the ice and sank down to the bottom.”

⁸ “Aliteração” é uma figura de linguagem que consiste na repetição de consoantes, vogais ou sílabas em um verso; um exemplo disso é o verso infantil “O rato roeu a roupa do rei de Roma”. Na antiga poesia nórdica, a aliteração era feita com a repetição de sons, não letras, e só ocorria entre as sílabas tônicas das palavras.

Nove canções poderosas consegui do filho de Boldorn, pai de Bestla. (...) Uma terceira (canção) conheço. Se grande for minha necessidade de grilhões para deter meu inimigo, cegas, faço as lâminas do oponente; espada e cajado não me ferem. (...) Uma quinta (canção) conheço. Se eu ver à distância uma flecha voar contra meus irmãos, ela não será tão veloz que eu não possa detê-la se meus olhos a fitarem. (BELLOWS, 1936: est. 141, 149, 152)⁹

O poema também cita canções mágicas que libertam o feiticeiro de correntes e grilhões, que acalmam os ânimos, apagam chamas ou permitem conversar com os mortos, dentre outros exemplos. (BELLOWS, 1936: est. 147-165)

No entanto, muitas vezes as *galdrar* não eram usadas sozinhas. Vários exemplos nas sagas mencionam *galdr* sendo usada em conjunto com *seidr* ou magia rúnica; parte essencial de conjurar alguns feitiços era entoá-los. Por exemplo, na *Egils saga Skallagrímssonar*, quando Egil Skallagrímsson conjura feitiços rúnicos, ele entalha as runas, molha-as com seu sangue e então entoa cânticos mágicos. Isso pode ser visto neste exemplo da saga:

A rainha e Bard então misturaram veneno à bebida. Bard consagrou o recipiente, então entregou a cerveja à criada. Esta levou a bebida a Egil e instou-o a beber. Egil então sacou sua faca e fez um furo na palma da mão. Ele pegou o chifre, entalhou runas nele e espalhou sangue por elas. Então cantou:

“Escrevemos runas no chifre,
Avermelhamos o feitiço com sangue;
Palavras de sabedoria escolho para o recipiente
Feito do chifre recurvo de besta.
Então beberemos, como bebemos agora,
O gole que a alegre portadora traz.
Saiba que a saúde reside na cerveja,
Sagrada cerveja que Bard abençoou.”

O chifre partiu-se, e a bebida se espalhou pelo chão. (GREEN, 1893: cap. 44)¹⁰

⁹ “Nine mighty songs I got from the son / Of Bolthorn, Bestla's father; (...) A third I know, if great is my need / Of fetters to hold my foe; / Blunt do I make mine enemy's blade, / Nor bites his sword or staff. (...) A fifth I know, if I see from afar / An arrow fly 'gainst the folk; / It flies not so swift that I stop it not, / If ever my eyes behold it.”

¹⁰ “The queen and Bard then mixed the drink with poison, and bare it in. Bard consecrated the cup, then gave it to the ale-maid. She carried it to Egil, and bade him drink. Egil then drew his knife and pricked the palm of his hand. He took the horn, scratched runes thereon, and smeared blood in them. He sang:

‘Write we runes around the horn, / Redden all the spell with blood; / Wise words choose I for the cup / Wrought from branching horn of beast. / Drink we then, as drink we will, / Draught that cheerful bearer brings, / Learn that health abides in ale, / Holy ale that Bard hath bless'd.’

The horn burst asunder in the midst, and the drink was spilt on the straw below.”

6. Um breve estudo sobre a representação literária das práticas de magia da cultura nórdica medieval

Tendo em vista os exemplos demonstrados neste artigo, bem como outros mais, postulamos que, nas narrativas nórdicas medievais, a magia era apresentada como eticamente neutra e tinha um papel coadjuvante.

“Eticamente neutra” porque ela não era, por si só, benigna ou maligna; feitiços benfazejos – como cura e proteção – podiam ser usados a favor dos antagonistas, enquanto feitiços mal-intencionados – como ilusões e maldições – podiam ser usados a favor dos protagonistas. Portanto, não havia um juízo de moral sobre a prática de magia – embora um feiticeiro, como personagem literário, pudesse ser benévolo ou malévolo como qualquer outro.

Havia, no entanto, um outro tipo de juízo sobre a prática de magia: certos tipos de feitiçaria eram considerados femininos, portanto, os homens que usavam esses feitiços (com exceções, como o próprio deus Odin) não eram descritos em termos viris (como “bravo”, “corajoso”, “forte”, etc.), nem eram aliados do protagonista – por exemplo, Vali, da saga de Hromund Gripsson, é descrito como sendo “malévolo e astuto” (CHAPPELL, 2011: cap. 1).

“Coadjuvante” porque a magia não era o tema principal das histórias, nem era o recurso principal à disposição do protagonista para alcançar a resolução de seus problemas. Mesmo quando o protagonista também era um feiticeiro – como Egil Skallagrímsson –, sua magia estava a serviço de sua força e habilidade com as armas, não o contrário. Nas criações literárias dos nórdicos medievais, a magia podia ajudar ou gerar empecilhos, mas, em termos de importância narrativa, ela era secundária em relação às capacidades mundanas do protagonista – a força, a bravura ou a inteligência.

7. Considerações finais

Há muitos outros exemplos de práticas de magia na poesia nórdica medieval e nas sagas, sem contar com inúmeros outros elementos explicitamente sobrenaturais, como sonhos premonitórios, armas encantadas e seres fantásticos. O objetivo deste artigo é

apenas o de realizar um breve estudo sobre como essas práticas de magia foram representadas em algumas obras literárias dos nórdicos medievais.¹¹

¹¹ Para uma perspectiva de estudo diferente da nossa sobre os mesmos tópicos, ver Langer (2012: 177-202) e Langer (2005: 55-82).

8. Referências Bibliográficas

- BELLOWS, Henry Adams. **Hovamol: A balada do grandioso**. 1936a. Edição eletrônica em <http://www.sacred-texts.com/neu/poe/poe04.htm>, acesso em 18/01/2012.
- BELLOWS, Henry Adams. **Sigrdrifumol: A balada da que traz a vitória**. 1936b. Edição eletrônica em <http://www.sacred-texts.com/neu/poe/poe25.htm>, acesso em 18/01/2012.
- BELLOWS, Henry Adams. **Voluspo: The wise-woman's prophecy**. 1936c. Edição eletrônica em <http://www.sacred-texts.com/neu/poe/poe03.htm>, acesso em 18/01/2012.
- CHAPPELL, Gavin. **Hrómund Gripsson's saga**. 2011. Edição eletrônica no site <http://www.germanicmythology.com/FORNALDARSAGAS/HromundarSagaGripssonChapell.html>, acesso em 18/01/2012.
- DAVIDSON, H. R. Ellis. Deuses e mitos do norte da Europa. São Paulo: Madras, 2004.
- DAVIDSON, H. R. Ellis. Hostile magic in the Icelandic sagas. In: **The witch figure: folklore essays by a group of scholars in England honouring the 75th birthday of Katharine M. Briggs**. Boston: Routledge & Paul, 1973. p. 20-41.
- FRANK, Roberta. Skaldic poetry. In: CLOVER, Carol J. e LINDOW, John (Org.). **Old Norse-Icelandic literature: a critical guide**. Toronto: University of Toronto Press, 2005. p. 157-196.
- GREEN, W. C. **Egil's saga**. 1893. Edição eletrônica no site <http://sagadb.org/egils_saga.en>, acesso em 18/01/2012.
- HARRIS, Joseph. Eddic poetry. In: CLOVER, Carol J. e LINDOW, John (Org.). **Old Norse-Icelandic literature: a critical guide**. Toronto: University of Toronto Press, 2005. p. 68-156.
- LANGER, Johnni. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. **Brathair**, n. 5, p. 55-82, 2005;
- LANGER, Johnni. Seidr e magia na Escandinávia medieval: reflexões sobre o episódio de Thorbjörg na Eiríks saga rauda. **Signum**, n. 11, p. 177-202, 2010.
- LINDOW, John. Mythology and Mythography. In: CLOVER, Carol J. e LINDOW, John (Org.). **Old Norse-Icelandic literature: a critical guide**. Toronto: University of Toronto Press, 2005. p. 21-67.
- LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and legend. In: SAWYER, Peter (Org.). **The Oxford illustrated History of the Vikings**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997, 225-249.

SORENSEN, Preben Meulengracht. Religions old and new. In: SAWYER, Peter (Org.). **The Oxford illustrated History of the Vikings**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1997. p. 202-224.

SPURKLAND, Terje. **Norwegian runes and runic inscriptions**. Woodbridge: The Boydell Press, 2005.

STURLUSON, Snorri. **The Prose Edda**. London: Everyman, 1995.